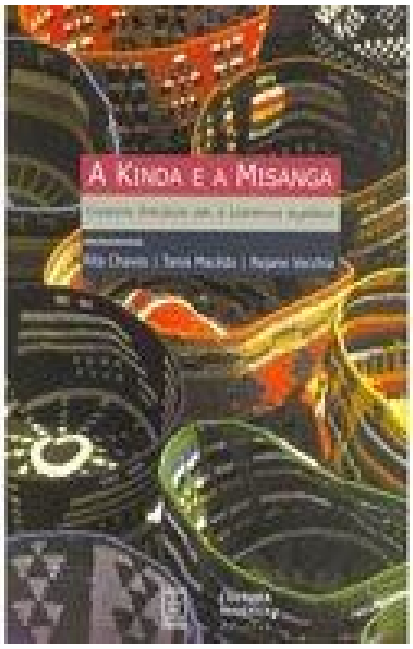
REVISTA CRIOULA

Novembro de 2008 - Nº 4




# A *kinda e a misanga*: escritas acamaradadas

Rosangela Manhas Mantolvani[1]

O gesto de colher e guardar, de selecionar e ajuntar, como as misangas podem ser guardadas na kinda – uma espécie de cesto angolano –, assim também (re)colheram-se os vários escritos da década de 1990, que se juntaram a outros, no milênio seguinte, oriundos dos quatro cantos do Brasil e mesmo da Itália, para se "acamaradarem", no

[1] Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP).

arranjo de *A kinda e a misanga*, publicado simultaneamente pela Cultura Acadêmica, de São Paulo, pela Editorial Nzila, de Luanda, em 2007.

O alegórico "colar de contas amigadas", proposto na escrita de Luandino Vieira, aqui, é formado pelos ensaios e críticas de pesquisadores da literatura angolana, é arrumado como as contas de diversas nuances e sustentado pelos fios da História e da memória, que perpassam as abordagens dos textos literários.

Organizado por Rita Chaves, Tania Macêdo e Rejane Vecchia, professoras e pesquisadoras de literaturas de língua portuguesa da USP – Universidade de São Paulo –, o livro reúne escritos de professores de diferentes universidades do país, na realização de um projeto proposto, anos atrás, pelo escritor Luandino Vieira que "mapeasse a presença dos estudos literários em Angola", que fosse capaz de "abrigar ensaios sobre autores, obras e problemas desse repertório", que revelasse "as tendências de nossas pesquisas e indicasse os centros em que a produção angolana despertava interesse". Enfim, a kinda encheu-se de misangas e resultou uma publicação de quatrocentas e trinta páginas.

O trabalho se encontra dividido em duas partes. Na primeira, estão os ensaios dos precursores das pesquisas na área de literaturas africanas no Brasil, pois "recupera textos produzidos antes da guerra de 1992, em Angola". Os inciadores dos estudos da literatura angolana comparecem com distintas visões teóricas: Benilde Justo Caniato, Benjamin Abdala Jr., Elisalva M. Dantas, Fernando A. A. Mourão, Laura C. Padilha, Maria Aparecida B. Santilli, Maria Elena O. Assumpção, Maria Luísa R. Remédios, Maria L. Scher Pereira, Rita Chaves, Tania Macêdo e Virgínia M. Gonçalves. Os ensaios indicam algumas diretrizes nos estudos do sistema literário, desvelando questões sobre o sentido da angolanidade e da configuração das imagens literárias que permitem reimaginar a nação, no "fio do discurso nacional".

A afirmação desse discurso nacional, a constituição de um *ethos* revolucionário, as resistências culturais, as questões de identidade nacional, assim como a discussão sobre a importância e a função do romance, ao lado de análises de contos, ensaios, poesia, como instrumentos do registro do "clima dos tempos", desde o processo colonial até o avanço da historiografia angolana, encontram-se na pauta das abordagens teóricas.

A segunda parte reúne textos de pesquisadores vinculados aos estudos da literatura angolana há menos tempo que os primeiros; são os atuais viabilizadores da expansão desses estudos pelos novos espaços sociais das instituições de ensino superior brasileiras, e já se espalham pelos estados do RS, PR, SP, RJ, BA, PB, PA, GO e MG. Mas a quantidade de instituições, por Estado brasileiro, é que anima as perspectivas dos estudos angolanos no Brasil. Constitui, de fato, um longo colar de variados tons.

Entre os que se envolveram com os estudos angolanos, encontram-se Carmen Lúcia Tindó R. Secco, Maria Nazareth S. Fonseca, Mário César Lugarinho, Audemaro T. Goulart, Liliane Batista Barros, Maria de Fátima M. Ribeiro, Marilúcia Mendes Ramos, Fabiana B. C. Marquezini, Marina Ruivo, Sílvio R. Jorge, Prisca Augustoni A. Ferreira, Rejane Vecchia, Vera Lúcia de Oliveira, Íris Maria C. Amâncio e Vima Lia Martin, autores de textos da segunda parte do livro.

Os objetos literários são, entre outros, **romances** de vários autores angolanos. De Pepetela: *Yaka*, *O desejo de Kianda, Lueji: o nascimento dum império, A geração da utopia, A gloriosa família: o tempo dos flamengos,* são avaliados ou inclusos nas análises por vários estudiosos. De Boaventura Cardoso, *Mãe, materno mar* comparece em duas abordagens.

As narrativas de *Ruy Duarte de Carvalho* são avaliadas: *Vou lá visitar pastores, Actas da Maianga, Papéis do inglês*, *Como se o mundo não tivesse leste*, são enfatizadas no estudo das temáticas que percorrem o texto desse autor, entre outras; e, da mesma maneira,

*Quem me dera ser onda e Crónicas de um mujimbo*, entre outros escritos de Manuel Rui. *Bom dia camaradas*, de Ondjaki aparece avaliado e incluso em abordagens diversas, como uma visão positiva do contexto social no universo literário.

Os romances de José Eduardo Agualusa comparecem em avaliação sobre o trabalho do autor, a partir de *Fronteiras Perdidas, Nação Crioula*, além de figurar em um texto teórico que procura rever as representações da identidade angolana na literatura.

Os contos de Arnaldo Santos se incluem nos cartogramas de Luanda, no universo do Kinaxixe, enquanto os musseques são (re)traçados através dos textos de Jofre Rocha, Luandino Vieira e Boaventura Cardoso.

Objetos de análise em diversos textos, "Estória da galinha e do ovo" e "Nós, os do Makulusu" aparecem em diferentes perspectivas analíticas. E, ainda de Luandino, o conto "Estória do ladrão e do papagaio" (*Luuanda*), indica a busca de uma essência: um discurso nacional. *João Vêncio: seus amores,* também de Luandino, se encontra nos escritos de vários teóricos, enquanto emergem os feitiços e os feiticeiros dos contos "O feitiço no Bufo Toneto" (*Vidas Novas*) e "Muadiê, Gil, Sobral e o Barril" (*Velhas Estórias*), no confronto entre as magias dos primeiros e a racionalidade dos intelectuais.

"O último quinzar do Makulusu" (*Velhas Estórias*), de Luandino, aparece na passagem pela "prosa do musseque" e encontra, ainda, o conto "Mestre Tamoda", de Uanhenga Xitu, respondendo a questionamentos sobre a relação entre mito e linguagem. A narrativa "Estória da galinha e do ovo" aparece comparada pela categoria das personagens femininas com *Nga Muturi*, de Alfredo Troni. Mas "Estória da Galinha e do Ovo" articula muitas outras análises nos ensaios e críticas de *A kinda e a misanga*.

Os títulos homônimos da narrativa *Náusea* (1980), de Agostinho Neto, e *A Náusea* (1986), de Jean-Paul Sartre têm suas diferenças

explicitadas, e enfatiza a imagem de Kalunga e suas representações no contexto angolano.

No percurso das personagens infantis, traçado pelos movimentos da literatura angolana, os contos de Luandino Vieira, Boaventura Cardoso e Jofre Rocha, assim como os escritos de Manuel Rui e de Pepetela e, ainda, os de Roderick Nehone, de Fragata de Morais, Hendrick Vall Neto, Jacques A. Dos Santos, entre outros, permitem visualizar as diferenças na representação literária das crianças em função das mudanças no contexto social.

A poesia angolana é contemplada em análises que partem de António Jacinto, do livro *Sobreviver em Tarrafal de Santiago* (1985). Nos poemas de David Mestre destacam-se as inovações estéticas associadas ao modernismo brasileiro, enquanto o percurso do lírico Fernando Costa Andrade, que se torna militante político, é desvelada na construção da própria poesia, em *Poesia com armas* e *Ontem e depois*.

O desnudamento do corpo feminino na poesia de Paula Tavares encontra em *Ritos de Passagem* seu espaço privilegiado. Já em Rui Duarte de Carvalho, os poemas de *Hábito da Terra, A decisão da idade,* e *Sinais misteriosos... Já se vê..., Ondula, savana branca,* indicam uma inclinação à terra e à ação de lavrá-la, constituindo uma "educação pela pedra".

As construções poéticas de João Maimona, a partir de "As abelhas do dia", encontram-se vinculadas a uma estética mais próxima do surrealismo. Maimona aparece, ainda, juntamente com Paula Tavares, Maria Dáskalos, Fernando Kafukeno, João Melo, Frederico Ningi, Luís Kandjimbo, Lopito Feijóo, Flas Ndombe, Abreu Paxe, Amélia Dalomba, Elis Cruz, João Tala. São grandes nomes da poesia angolana, objetos da avaliação sobre os novos rumos dessa poética que tende a temáticas mais subjetivas.

O teatro também encontra espaço e reconhecimento em *A kinda e a misanga*. A história e seu viés presentificam-se na peça *A revolta da Casa dos Ídolos*, de Pepetela, enquanto em várias peças do angolano

José Mena Abranches se encontram as didascálias, *locus* privilegiado de performances das tradições orais angolanas.

Nos textos elaborados pelos críticos brasileiros, as discussões fundadoras da formação e delimitação do sistema literário angolano encontram-se sempre presentes: a construção da nação, a questão da identidade e suas diferentes construções na configuração dos objetos literários, a tradição e seus elementos recorrentes na literatura, o imaginário nacional, o espaço social, o tempo e a História. Esses textos constituem um importante arsenal de conhecimento para pesquisadores, professores e estudantes da graduação e da pós-graduação que se embrenham nos estudos do sistema literário de Angola.

**CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (org.). *A kinda e a misanga. Encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Editorial Nzila, 2007. (430 p.)**